

O PAPEL DO DIÁLOGO FAMILIAR NAS PERCEPÇÕES DE RAÇA E CLASSE E SUAS REPERCUSSÕES NO PERCURSO ESCOLAR DE PESSOAS NEGRAS¹

Edilene Barbosa do Carmo²

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o papel do diálogo familiar nas percepções de raça e classe e suas repercussões no percurso escolar de pessoas negras. Pensado a partir da sociologia da família e da educação, que busca compreender como as interações sociais dentro do contexto familiar refletem as interações sociais fora dele. Para a construção do aporte teórico foi realizada a escolha de autores que entendem o diálogo como algo inerente ao sujeito, assim como a compreensão acerca do contexto no qual as pessoas negras acessaram o sistema escolar. A abordagem da pesquisa assume a perspectiva qualitativa, com caráter exploratório. Para alcançar os objetivos propostos foi realizado o trabalho de campo a partir dos instrumentos questionário e entrevista semi-estruturada. De acordo com os resultados foi observado a manutenção da ausência de diálogo para muitas famílias negras, principalmente no tocante a questões raciais, acreditando ser necessário a realização de intervenções a partir de um olhar cuidadoso para os arranjos familiares e suas histórias na busca de identificar as barreiras que funcionam como impedimento para práticas dialógicas dentro e fora do contexto familiar.

Palavras-chave: aconselhamento familiar; negros - educação; famílias negras; racismo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the role of family dialogue in perceptions of race and class and its repercussions on the educational trajectory of Black people. Conceived from the sociology of family and education, it seeks to understand how social interactions within the family context reflect social interactions outside of it. The theoretical framework was developed by selecting authors who understand dialogue as something inherent to the individual, as well as understanding the context in which Black people accessed the school system. The research approach adopts a qualitative perspective with an exploratory character. To achieve the proposed objectives, fieldwork was conducted using questionnaires and semi-structured interviews. According to the results, the absence of dialogue persists for many Black families, especially regarding racial issues, suggesting the need for interventions that involve a careful examination of family arrangements and their histories in order to identify the barriers that impede dialogical practices within and outside the family context.

Keywords: family counseling; Black people - education; Black families; racismo.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

² Bacharela em Humanidades e Licencianda do curso de Pedagogia pela UNILAB Campus dos Malês.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido a respeito da importância da comunicação para as diversas áreas da sociedade. A comunicação dentro do núcleo familiar é um fenômeno complexo que reflete não apenas a dinâmica interna da família, mas também as normas, valores e estruturas da sociedade em que está inserida (Goldani, 2005). Podemos entender que na família a comunicação tende a se expandir, não se restringindo apenas ao núcleo familiar, envolvendo as demais relações em que o sujeito esteja envolvido.

A palavra comunicação é proveniente do latim ‘communicare’ que pode significar “tornar comum, compartilhar, trocar opiniões, associar, conferenciar.” (Pinheiro, 2005, p.10). A comunicação pode ser entendida como o “ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre o transmissor e o receptor, através de linguagem oral, escrita ou gestual, por meio de sistemas convencionados de signos e símbolos.” (Dicionário online Michaelis, 2026)

No entanto, os processos comunicativos entre seres humanos podem abranger múltiplos fatores, que vão desde o conteúdo a ser abordado, maneira e linguagem, que se encontram em constante uso nas relações humanas (Gonçalves e Bananal, 2022). No cotidiano, ela se torna essencial para manter a boa relação, amenizar e resolver conflitos.

Nesse contexto, o diálogo é considerado um tipo específico de comunicação em que duas ou mais pessoas se envolvem em uma troca de ideias, opiniões, perspectivas ou informações de maneira respeitosa e aberta (Querette, 2007).

Bakhtin citado por Scorsolini-Comin (2014, p.250) explica que,

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin, 2012, p. 117).

Ao contrário de uma conversa unilateral, onde uma pessoa fala e a outra apenas ouve; o diálogo implica em uma interação dinâmica, na qual os participantes se alternam entre falar e ouvir, buscando compreender o ponto de vista do outro e expressar o seu próprio (Querette, 2007). Portanto, este trabalho buscará refletir, a

partir do diálogo familiar, a maneira como se tem percebido questões a respeito de raça e classe durante o percurso escolar.

Compreendendo que o diálogo desempenha uma função fundamental nas relações interpessoais assim como no comportamento de uma sociedade. Esta pesquisa traz como tema 'O papel do diálogo familiar nas percepções de raça e classe e suas repercussões no percurso escolar de pessoas negras'. A proposta desta pesquisa situa-se no campo da Sociologia da Família e da Educação; A sociologia da família se dedica ao estudo das estruturas familiares, dos papéis dos membros da família e das interações sociais dentro do contexto familiar (De Moraes; Costa, 2024), enquanto, a sociologia da educação se dedica a estudar a educação como objeto de reflexão relevante para a sociologia (Émile Durkheim (1858-1917), apud Oliveira, 2018), buscando compreender que a educação acontece dentro de contexto social, nos fazendo entender que a sociedade deve ser resultante da educação.

Ao me dar conta da importância do diálogo para uma ampla comunicação, lembrei-me do quanto, o pouco ou nenhum diálogo existente entre mim e meus pais moldaram o meu jeito de ser, de maneira tal que ocasionou em mim uma introversão, tornando difícil as relações interpessoais que tive e tenho ao longo da minha vida. Sendo a comunicação um dos fatores importantes no contexto familiar, 'a ausência do diálogo familiar pode trazer prejuízos ao desenvolvimento dos filhos e das filhas, assim como da família como um todo'.

Como apontam Malagari; Lopes; Schlesner (2021), compreendemos que é importante a construção de diálogos que venham a despertar o conhecimento (saber) a ponto que se tenha o discernimento do caminho a ser percorrido, a fim de que se possa entender a maneira como o diálogo auxilia na compreensão de como a violência se apresenta para os mais jovens com a finalidade de evitá-la, já que a violência é tida como um infortúnio que está posto há muitas gerações independente da idade.

A construção de diálogos que despertem a busca pelo saber do que é bom e ruim, certo e errado, se torna o pilar para a compreensão dos indicadores da violência e perigos que cerceiam a juventude, uma vez que a violência é um problema que acompanha a humanidade desde o início dos tempos e atualmente, acessível às mais diversas faixas etárias, [...]. (Malagari; Lopes; Schlesner, 2021, p. 66).

É importante considerar também a maneira como os valores culturais específicos (Munanga, 2003), podem influenciar a maneira como o papel do diálogo

dentro das famílias se torna perceptível quando o assunto é raça e classe e o quanto essa influência pode repercutir no percurso escolar do/da estudante e como esses efeitos (do diálogo ou da ausência de diálogo) podem se refletir em suas experiências comunicativas. Considerando que o fator cultural pode se tornar potente através do diálogo, principalmente quando esse tipo de comunicação se inicia dentro do convívio familiar.

O contexto sociocultural desempenha um papel fundamental no desenvolvimento desta pesquisa, assim como a sua influência na percepção dos diálogos que ocorrem no ciclo familiar, pois influencia as percepções, valores, comportamentos e interações em relação ao diálogo. Destacando como a comunicação por meio do diálogo pode se tornar um fator importante para as famílias negras no Brasil. No entanto, esta pesquisa poderá contribuir para o fortalecimento da identidade racial da população negra e para a formação de crianças e jovens, a fim de prepará-los para o enfrentamento de situações de racismo que eventualmente possam ocorrer durante o seu percurso escolar.

Desse modo, a pesquisa traz como principal objetivo analisar o papel do diálogo familiar nas percepções de raça e classe e suas repercussões no percurso escolar de pessoas negras. Sendo assim, o diálogo também pode atuar como promotor da compreensão entre sujeitos por meio da troca de ideias, sentimentos e perspectivas, a fim de contribuir para a construção da empatia e do respeito entre as pessoas. Assim a pesquisa buscará responder, qual o papel do diálogo familiar nas percepções de raça e classe e suas repercussões no percurso escolar de pessoas negras?

Esta questão buscará ser elucidada a partir dos seguintes objetivos específicos: 1) Identificar como se dá o diálogo entre pais ou responsáveis, alunos e alunas; 2) Verificar quais temas envolvendo relações raciais tem sido dialogado ou não pelas famílias; 3) Compreender como os/as estudantes percebem o enfrentamento aos problemas de caráter racial; 4) Identificar quais os efeitos do diálogo, a respeito de raça e classe, durante o percurso escolar do/da estudante.

A relevância do trabalho se encontra na dinâmica de buscar a percepção do diálogo a partir de entrevistas com jovens e adultos negros e negras. Serão considerados contextos variados de famílias (de acordo com a região em que a pesquisa foi realizada), várias formas de interação por meio do diálogo e também a ausência ou presença do diálogo dentro desses contextos. Neste sentido, este estudo

possui o entendimento de que a população negra existente no país é uma população diversa, com famílias múltiplas e culturas diversificadas.

A pesquisa empírica³ foi realizada por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas com estudantes do curso de pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no Campus dos Malês, no Estado da Bahia, situado na cidade de São Francisco do Conde, especificamente com os estudantes oriundos do Recôncavo Baiano e de Salvador.

O trabalho se encontra dividido em cinco seções: esta introdução onde foi apresentado o tema, o problema, assim como os objetivos da pesquisa; na segunda seção seguimos pela fundamentação teórica que embasa o estudo; na sequência apresentamos os procedimentos metodológicos e o percurso da pesquisa; a quarta seção é dedicada a análise e discussão dos resultados e por fim, será apresentada as considerações finais com as reflexões acerca da pesquisa.

2 CONCEITUANDO DIÁLOGO E AUSÊNCIA DE DIÁLOGO EM CONTRAPONTO AO CONTEXTO DA INSERÇÃO DE PESSOAS NEGRAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Nesta seção, buscaremos abordar a contextualização da inserção de pessoas negras no espaço escolar, assim como a comunicação na família nesse processo. Também abordaremos alguns conceitos para diálogo e ausência de diálogo a partir de autores como Buber, Freire e Querette.

Ao curso da história da educação pouco se tem ouvido falar sobre o processo de escolarização de pessoas negras e seu papel social dentro dos espaços. Por muito tempo (e ainda continua sendo) as famílias negras não eram chamadas para acompanhar os seus filhos e as suas filhas na escola e nem sequer participavam das decisões escolares. Sobre esses aspectos, Silva explica que: “Além disso, são ainda mais raros os estudos que, em uma perspectiva histórica, abordam a questão do negro e suas relações com a escola, principalmente o papel ocupado por suas famílias nesse processo. [...]” (Silva, 2005, p.18).

A fim de “[...] compreender melhor a própria formação do indivíduo como um ser social capaz de superar limites e barreiras [...], se observa, principalmente, o papel

³ “Dedicada a codificar a face mensurável da realidade social.” (Prodanov, 2013, p.50).

ocupado pelas famílias e, mais especificamente, pelos pais[...]" (Silva, 2005, p.18). Tendo o intuito de fazer com que as famílias negras sejam ou estejam integradas a vida escolar de seus filhos.

Criando uma tendência de trazer, para o âmbito escolar, a família do negro. Para que esteja presente como sujeito central da educação diante das dinâmicas internas como também das interações do mundo escolar a partir do conhecimento de seu universo sociocultural, não se contentando com resultados obtidos de uma possível análise baseada, exclusivamente, em sua condição de classe (Silva, 2005).

Ao observar essa tardia inclusão de pessoas negras na escola e da pouca participação de suas famílias nas decisões escolares, podemos compreender que a instituição escolar a princípio não foi pensada para essas pessoas.

A inclusão de pessoas negras na escola se deu a partir do advento da Revolução Industrial que empurrou as mulheres para o mercado de trabalho. Com as mulheres trabalhando nas fábricas surge a necessidade de ter um lugar para que essas mulheres deixassem os(as) seus(suas) filhos(as). Assim foram criadas, a princípio, as creches para receberem essas crianças, e após algum tempo, houve a ampliação do público nas escolas, ou seja, a abertura da escola para as massas. Esse assunto é discutido por Soares (2004),

[...] E isso se dá porque uma progressiva transformação das condições sociais e culturais e, sobretudo, das possibilidades de acesso à escola vai exigindo a reformulação das funções e dos objetivos dessa instituição [...] é a partir desse momento que começa a modificar-se profundamente o alunado: como consequência da crescente reivindicação, pelas camadas populares, do direito à escolarização, democratiza-se a escola, e já não são apenas os "filhos-família", os filhos da burguesia, que povoam as salas de aula, são também os filhos dos trabalhadores [...] (Soares, 2004, p.166-167).

Tal advento revela que a presença de pessoas negras na instituição escolar se deu não de forma planejada, como aconteceu para a elite branca dominante no país, e sim por uma necessidade ocasionada pela transformação da sociedade a partir de uma revolução. Em virtude dos contextos vivenciados pela população negra a partir da violência colonial, do processo de desumanização, da inserção tardia no sistema de ensino. No entanto, os fatos citados não se tornaram impedimento para que a população negra exercitasse ou exercesse o seu pensamento crítico assim como a sua capacidade criativa. Possibilitando a criação de estratégias para sobreviver e viver, mesmo diante da atrocidade da violência colonial e estatal. Diante desse

contexto, compreender o conceito de diálogo é importante para seguirmos as discussões propostas.

Dentro do campo educacional o diálogo pode ser entendido “como uma expressão de comunicação de indivíduos entre si”. Explicando etimologicamente, a palavra *diálogo* está composta dos “radicais gregos *dia* (dois, ou através de) e *logos* (palavra ou idéia)” que pode ser entendida por “comunicação ou transmissão de um saber ou idéia” (Querette, 2007, p.9, grifos da autora).

Assim sendo o diálogo também pode ser compreendido como um contato para além da comunicação, que funciona como um mecanismo de resolução para prováveis conflitos, com ações de respeito e escuta ao próximo de forma intencional para a transformação do indivíduo e também do ambiente em que se encontra inserido. O diálogo possui a função de agir como uma forma de aproximar pessoas através das várias formas de comunicação: verbal, social, visual e corporal. Podendo, o diálogo, ser realizado em muitas esferas desde a cultura, englobando o seu todo, assim como numa conversa agradável entre sujeitos (Querette, 2007).

Paulo Freire, fala de uma educação emancipadora, que por meio de relações dialógicas podem promover o aprendizado para a libertação dos oprimidos (Freire, 2005). Freire acreditava que a educação não apenas trazia um novo aprendizado, como também promovia na pessoa que aprendia uma forma crítica de pensar, fazendo com que se refletisse o que tínhamos aprendido de maneira a questionar e não aceitar de pronto. Assim, “o diálogo acontece no encontro de sujeitos dialógicos com o mesmo interesse de conquistar o mundo para a libertação dos homens (Freire, 2005, p.96)”. Deste modo, podemos afirmar que, o diálogo acontece entre pessoas em condições sociais semelhantes compreendendo que a relação dialógica busca a relação, a reflexão e a emancipação (Querette, 2007).

Acerca do diálogo, Paulo Freire explica que devemos:

[...] entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isto faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. Está claro este pensamento? Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. (Shor; Freire, 1986, p. 64).

Assim, para Freire o diálogo funciona como princípio educativo a fim de promover reflexão a respeito da realidade sobre a qual a pessoa se encontra.

Outra vertente de diálogo pode ser encontrada nos escritos de Martin Buber. Ele vai dizer que o diálogo é como “o encontro entre duas pessoas que percebem o outro enquanto totalidade, enquanto uma pessoa, um Tu único. Este encontro é sempre marcado pela reciprocidade.” (*apud* Querette, 2007, p.114).

Assim, o diálogo ocorre entre pessoas que se conectam com respeito, reconhecendo a outra pessoa como sujeito, sem esboçar interesse algum (ideal, social, econômico, político, religioso, emocional, espiritual, sexual, entre outros). Não estando, o diálogo, baseado em emoções de nenhuma origem e tampouco de afinidades no modo de pensar ou gostos (Buber *apud* Querette, 2007).

Apesar de possuírem pensamentos distintos acerca do diálogo, Buber e Freire trazem o diálogo como uma forma de conexão. Seja em perceber uma outra pessoa ou um ser em sua totalidade. Ou numa relação dialógica de aprendizagem para a emancipação dos sujeitos. Todas as ações apresentadas contribuem para uma conexão que se torna um diálogo.

Tanto Freire quanto Buber trazem um pensamento semelhante a respeito da ausência de diálogo. Para Freire, a ausência de diálogo aparece como ‘antidiálogo’ que o autor vai dizer ser uma relação de imposição em que não existe troca. “No antidiálogo quebra-se a relação de simpatia entre os pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso o antidiálogo não comunica, faz comunicados” (Freire, 2005a, p. 116 *apud* Querette, 2007, p. 28).

Freire, descreve a ação do ser antidialógico como: “O *eu* antidialógico, dominador, transforma o *tu*, dominado, conquistado num mero ‘isto’” (Freire, 2005a, p. 192 *apud* Querette, 2007, p. 11). Afirmando que a ausência de diálogo tem o efeito de objetificar o sujeito. Ou seja, o ser antidialógico busca de certa forma dominar o outro de maneira que este pense está fazendo por vontade própria certas ações, quando na verdade é só influência do ser dominador, a exemplo da marionete.

Assim como para Buber, a ausência de diálogo aparece como a ‘atitude propagandista’ que está caracterizada pela imposição de opiniões e de atitudes, “a pessoa quer se impor a si própria, impor sua opinião e atitude de tal forma que o outro pense que o resultado psíquico da ação é seu próprio entendimento, apenas liberado por aquela influência.” (Buber, 1982, p.149-150 *apud* Querette, 2007, p.105).

A ausência de diálogo também pode ser entendida como imposição, podendo gerar impacto negativo. Alguns desses impactos podem ser: pessoas mal informadas ou sem informação, falta de conexão e interação entre os sujeitos, conformismo, apagamento, entre outros. Portanto, a ausência de diálogo pode implicar em uma falta de orientação ou direção a respeito do entendimento de subjetividades básicas referente ao sujeito como, identidade, reconhecimento, aceitação, pertencimento e história. Estando estes aspectos como uma condicionante psíquica dos sujeitos mediante aos eventos históricos que lhes foram impostos.

Neste sentido, Santos; Prestes (2023) destacam três principais temáticas como “estratégias de promoção da saúde mental para crianças negras na primeira infância” relacionadas a ações para o fortalecimento da identidade etnico-racial. Primeiro: “Exercício Parental” no qual foram destacados elementos principais que podem ser entendidos como “meios e formas de cuidar, educar e acompanhar a trajetória infantil dos filhos” e das filhas, seguido dos agentes que nesse contexto são as figuras parentais, finalizando pelos efeitos que podem ser entendidos como “suporte familiar potencializando o desenvolvimento psicossocial e emocional”. Segundo: “Preparo para o enfrentamento” no qual podemos destacar os elementos principais a serem entendidos como “preparação para o combate a práticas racistas”, seguido pelos agentes que aqui é identificado pelas figuras parentais assim como pelas crianças, na busca da redução dos “efeitos degenerativos do racismo” a fim de fazer com que a “ansiedade” tenha o “efeito secundário”. Terceiro: “Orientação simbólica negra” que pode ser entendida a partir dos elementos principais que visam o “empoderamento e resgate de elementos culturais de matriz africana”, tendo como agentes as figuras parentais e também as crianças na busca de “melhorias na autoestima e no autoconceito” e também de “ganhos simbólicos” (Santos; Prestes, 2023, p. 142).

Conforme apontam, são temáticas que surgem como auxílio no preparo para o enfrentamento e orientação simbólica para pessoas negras, assim como, para a manutenção da autoestima e da auto afirmação racial de crianças negras. E desse modo, dialogam com os propósitos de afirmação da importância da Lei 10639/03⁴.

Nilma Lino Gomes expressa em seu texto ‘relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos’, que a Lei 10.639 atua “como uma mudança cultural

⁴ “[...] altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’” (Brasil, 2003).

e política no campo curricular e epistemológico” e “não como mais disciplinas e novos conteúdos” (2012, p.104) como tem acontecido em muitas instituições de ensino. A autora explica ainda que “na escola, no currículo e na sala de aula” existe a convivência de forma tensionada de “valores, ideologias, símbolos, interpretações, vivências e preconceitos” que fazem com que “a discriminação racial” esteja “presente como fator de seletividade” no ambiente escolar, expressada na maioria das vezes pelo *silêncio* que em nada tem a ver com o desconhecimento a respeito do assunto ou da “sua invisibilidade”. “O silêncio se diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar” (Gomes, 2012, p.105).

Neste sentido, a inserção da Lei 10639/03 nas escolas tem a função de romper com o silêncio a respeito do ensino da história e da cultura afro-brasileira dentro das instituições de ensino com o intuito de pôr fim a práticas de rituais (ditos) pedagógicos que estejam a favor da discriminação racial.

Este entendimento é importante neste trabalho, pois nos ajuda a aprofundar as situações vivenciadas pela população negra no espaço escolar em virtude da ausência de diálogo, afirmando a sua importância para famílias negras. Que apesar das diferenças existentes entre elas (geração, história, contexto, modos de vida, entre outros), todas em vários momentos irão se encontrar na encruzilhada, devido ao sistema que opera o racismo, que mesmo na multiplicidade de seres, não se esquece de categorizar, depreciar, afastar, menosprezar a população negra.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa possui abordagem qualitativa, tendo em vista a necessidade de responder ao problema proposto através da aproximação com os sujeitos participantes. Ela possui caráter exploratório, pois não busca apresentar respostas completas ou generalizações simplistas acerca da implicação do diálogo.

A pesquisa exploratória se caracteriza por ser uma pesquisa em fase preliminar tendo como finalidade adquirir mais informações acerca do assunto a ser investigado possibilitando a definição e delimitação do mesmo. Ela possui planejamento flexível permitindo que o tema possa ser estudado sob vários ângulos e aspectos. Geralmente a pesquisa exploratória envolve “levantamento bibliográfico”, “entrevistas com

peças que” experienciaram “práticas com o problema pesquisado” e a “análise de exemplos que” promovam a reflexão ou “compreensão” (Prodanov, 2013, p.52).

Nesta pesquisa foi realizado o trabalho de campo que de acordo com Prodanov (2013) objetiva:

[...]conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los. (Prodanov, 2013, p. 59).

Os sujeitos são estudantes, oriundos da cidade de Salvador e das cidades que compõem o Recôncavo Baiano, que estão cursando Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês (UNILAB/Malês). Consideramos o fato do curso de pedagogia formar profissionais para a área da educação com possibilidade de atuarem em ambientes diversos, para além do ambiente escolar, e também pela UNILAB ser uma universidade que tem no seu estatuto o objetivo de formar quadros para atuar a partir de uma visão antirracista e contracolonial.

[...], tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. (Brasil, 2010).

Buscando compreender como esses(as) futuros(as) profissionais vivenciaram a experiência do diálogo durante o seu percurso escolar (ensino fundamental e médio).

Os instrumentos utilizados para a coleta de informações foram questionário e entrevista semiestruturada. “Ambos constituem técnicas de levantamento de dados primários e dão grande importância à descrição verbal de informantes” (Prodanov, 2013, p.105). Sendo a entrevista realizada de maneira que a pessoa entrevistada consiga responder as perguntas ao entrevistador de forma presencial ou não. Podendo a entrevista ser estruturada ou não, ou ainda apresentar um meio-termo, com a junção das duas opções citadas anteriormente que se pode chamar de semi-estruturada. No entanto, o questionário busca seguir uma sequência de perguntas que

devem ser idênticas para todas as pessoas que serão submetidas a ele, que poderão responder ao instrumento de forma presencial ou não.

O questionário foi aplicado como base para a escolha das pessoas a serem entrevistadas devido ao quantitativo numeroso de estudantes que o curso de pedagogia no Campus dos Malês possui. O questionário foi intitulado como 'o diálogo no contexto familiar' e foi realizado a partir do formulário da Google, composto por 14 questões, contendo perguntas abertas e de múltipla escolha. Este questionário foi destinado especificamente para os estudantes que nasceram em Salvador ou cidades que compõem o Recôncavo Baiano. Foi realizado esse recorte a fim de observar essa região que apresenta um grande quantitativo de pessoas negras, contendo uma grande relevância para a afirmação da negritude dentro do Estado da Bahia. As pessoas que responderam o questionário e que participaram da entrevista se autodeclararam quanto ao pertencimento racial pretas ou pardas. O questionário apresentou 3 blocos de questões: 1º) identificação com 6 questões, 2º) relação familiar com 3 questões e 3º) aspectos raciais e de classe com 5 questões.

A aplicação do questionário se deu de forma virtual por meio do formulário da Google, que foi disponibilizado para os participantes, em outubro de 2025, por meio do grupo de WhatsApp dos estudantes do curso de pedagogia/Campus dos Malês. Inicialmente, 10 pessoas responderam o questionário, todas elas mulheres. Ao verificar que somente mulheres haviam respondido o questionário enviado por meio do formulário da google foi necessário abri-lo novamente para que alguns homens pudessem respondê-lo e 2 colegas responderam, totalizando assim 12 pessoas a responderem o questionário entre homens e mulheres.

A maior parte das pessoas que responderam o questionário foram mulheres, pela predominância delas no curso de pedagogia. Enquanto a quantidade de homens a responderem o questionário foram poucos devido a baixa adesão deles ao curso de pedagogia, visto como um curso para mulheres devido ao ocorrido durante o contexto histórico da profissão.

Com isso, podemos relacionar a problemática das construções de papéis que atribuem características e modelos a serem seguidos com a profissão docente. Há alguns séculos era uma função reservada aos homens e encarada de forma diferente da vista atualmente, em sentido de prestígio. A numerosa atuação de mulheres na área, no entanto, modificou esse cenário, porém, tal fato não aconteceu de forma repetina [sic], são anos de transformações políticas, econômicas e sociais (Lengert, 2011 *apud* Azevedo; Sbrissa, 2023, p.737).

Por isso, o curso de pedagogia tem tido um público considerável de mulheres na sua composição, devido ao contexto histórico e a construção de um “novo ideal” para a profissão docente no país. Fazendo com que a função docente estivesse relacionada com a maternidade, devido à ação de maternar estar no cuidado e na educação dos filhos e das filhas. Como tal cuidado era realizado de forma específica pelas mulheres, houve a compreensão de que do mesmo modo elas poderiam se tornar professoras. (Louro, 2004 *apud* Azevedo; Sbrissa, 2023). Assim, ao passo das modificações concernentes ao exercício da docência para o ensino das séries iniciais no país, foi que as mulheres começaram a ser inseridas no cenário da educação. (de Azevedo; Sbrissa, 2023).

Quanto a idade das pessoas que responderam o questionário, essa variou entre 24 a 40 anos, devido não haver restrição de idade para ingressar no curso e também conforme o semestre que o(a) estudante realizou a transição do Bacharelado em Humanidades para a Licenciatura em Pedagogia⁵, que foi até o ano de 2025. No entanto, a cidade na qual as pessoas que responderam o questionário nasceram variou entre São Paulo, Salvador e cidades do Recôncavo Baiano. O ano de ingresso das pessoas que responderam foi entre 2021 a 2025. Quanto à quantidade de pessoas por família, essa variou entre 2 a 4 integrantes, devido a muitas famílias não seguirem o modelo de família nuclear (pai, mãe, filhos), seguindo arranjos variados de família em que seus núcleos podem ser compostos por um ou mais componentes.

As pessoas selecionadas para a entrevista, foram as que se colocaram à disposição para participar. Também consideramos as respostas acerca da questão do diálogo familiar de maneira aproximada com a que Freire e ,principalmente, Buber falam sobre o assunto. Em que, o diálogo se dá entre pessoas que se conectam com respeito, em busca de ideais que englobam a vida. Com isso, 03 pessoas foram selecionadas, a saber 2 mulheres e 1 homem.

Considerando a ética na pesquisa, no momento da entrevista, foi apresentado aos estudantes entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No presente termo, consta o propósito da pesquisa, o direito da pessoa ao anonimato, a fim de não gerar constrangimento, como também o direito da pessoa de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, e em seguida, explicada como se daria a entrevista, que aconteceu individualmente (presencial e via conversa de WhatsApp).

⁵ O curso de pedagogia na Unilab integra o segundo ciclo de uma formação que se inicia com um bacharelado em Humanidades.

As entrevistas iniciaram com perguntas que buscaram analisar o que a pessoa entrevistada pôde entender por comunicação, diálogo, raça e contexto social. Em seguida, as perguntas buscaram identificar como os temas raça, negritude e contexto social são ou foram abordados no diálogo com os pais ou responsáveis. E para finalizar, as perguntas foram com a finalidade de responder como a ausência ou presença do diálogo a respeito desses assuntos, raça e contexto social, repercutem ou repercutiram no percurso escolar. Os dados da pesquisa foram analisados através da “Análise de conteúdo”.

Silva (2009) citando Bardin vai dizer que a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 42 *apud* Silva, 2009, p. 80).

Assim, os dados obtidos por meio do instrumento de pesquisa serão analisados, interpretados e discutidos, seja de maneira conjunta ou separada, de acordo com a melhor adequação referente aos objetivos propostos para esta pesquisa.

O público selecionado para a entrevista a partir do questionário aplicado foram três pessoas. Dentre elas, duas são mulheres e um homem. As pessoas entrevistadas são oriundas das cidades de Santo Amaro (Acupe), Candeias e Salvador, estando as cidades elencadas como um dos requisitos para o público participante da pesquisa.

Quanto à idade, as pessoas entrevistadas apresentaram 26, 39 e 40 anos. Todas as pessoas entrevistadas ingressaram no curso de pedagogia após a conclusão do Bacharelado em Humanidades. Portanto, o ingresso dessas pessoas no curso de pedagogia decorreu no período de 2023, 2024 e 2025, estando uma das pessoas entrevistadas em seu penúltimo semestre e as demais pessoas entre o quinto e o sexto semestre do curso, isso devido a integralização de alguns componentes a partir do curso de Humanidades.

Às pessoas entrevistadas nessa pesquisa foram identificadas de forma fictícia como **Luíza, Laura e Floriano**, a fim de facilitar a descrição da análise de conteúdo que será realizada a seguir e também de preservar a identidade delas.

4 EM BUSCA DE CAMINHOS DIALÓGICOS NO PERCURSO ESCOLAR

Observando a maioria das respostas obtidas através da entrevista pode-se dizer que o diálogo entre os(as) entrevistados(as) e os pais/responsáveis durante o período escolar, não acontecia. As pessoas entrevistadas apontaram alguns fatores para a ausência de diálogo que foram desde o contexto em que os pais/responsáveis viviam, o autoritarismo, a ausência de conhecimento, indicando que o fato de os pais/responsáveis não terem vivido em um ambiente em que o diálogo acontecia, fizeram com que eles não conseguissem reproduzir atitudes dialógicas com seus filhos e filhas. Como se pode notar, no relato que segue: *“na verdade, não tinha, né? Porque, assim, o contexto hoje muda um pouco, mas no passado,[...] uns anos atrás, a gente ficava mesmo que silenciada. Então, naquele período, não tinha nenhum tipo de diálogo assim”* (Laura).

Sobre o contexto vivenciado, foi observado que não havia uma prática de conversa dentro do ciclo familiar ou quando havia era para dar instruções do que se podia ou não fazer, a exemplo de comportamentos, vestimentas, modos de falar. Como nos conta Luíza: “os meus pais, assim, que ele dava aquele treinamento, aquele desenvolvimento”.

Os estudantes apresentados acima acreditavam que seus pais/responsáveis por não serem criados ou ensinados com o auxílio de conversas, aprenderam apenas a transmitir, ou não, parte do que sabiam através de uma comunicação que estava baseada na reprodução do que haviam aprendido ou de parte dele. Essa comunicação era transmitida quase sempre por meio de atitudes, gestos e até mesmo da ausência de palavras.

O autoritarismo, relatado pelas pessoas entrevistadas, pode ser entendido como uma forma de imposição do que se deve ou não deve fazer. Ao percebermos essa ação como parte da conversa entre as pessoas entrevistadas e seus responsáveis durante a escola, notamos que, para muitas famílias, os filhos e filhas só deviam seguir as regras ditadas. Eles não podiam mostrar sentimentos ou agir de forma diferente do que foi mandado, como será mostrado a seguir: *“Porque eu coloco meus pais como muito ditador, das coisas, então eles queriam ensinar, ensinar (Luíza)”*.

No entanto, a ausência de conhecimento a respeito de algumas situações ou até mesmo a falta de traquejo por parte dos pais ou responsáveis não permitiam que

os filhos ou as filhas questionassem devido a um certo temor que havia. Questionar a respeito de alguma situação ou até mesmo discordar de algo não era aceitável por parte de um filho ou uma filha, tais atitudes poderiam ser entendidas como desrespeito e desobediência.

Até porque, para você questionar algo, você precisaria saber. Quando você não sabe, você se torna um cego. Porque você vai ter que caminhar ali, achando que você está indo pelo caminho certo, e na verdade você não está, mas porque você não sabe. O que nos leva a clarear a nossa mente, e ter uma amplitude na nossa visão, por certo ou errado, são as orientações que a gente traz, de lá de infância, e quando você não tem essa orientação, você não pode questionar, você não pode recorrer. (Laura).

Desse modo, caracterizamos a comunicação existente entre pais ou responsáveis com seus filhos e com suas filhas, como fechada a partir de ações que expressam excesso de autoridade, ordens ou ameaças. Não havendo lugar para a conversa acontecer. Durante a comunicação buscamos considerar assuntos do cotidiano da família, que são considerados convencionais (Bananal; Gonçalves, 2022).

Em relação aos temas sobre relações raciais dialogados pelas famílias, percebemos que durante as entrevistas não se obteve respostas acerca destes temas que fazem ou fizeram parte das conversas com familiares. Notamos que as pessoas entrevistadas relataram questões que envolvem as desigualdades dentro do território, a sua condição social e a condição da família em que se encontram ou estiveram inseridas como percepção racial acerca de si.

As relações raciais, tem sido um tema de pouca abordagem por parte de muitas famílias negras. Acreditamos que essa pouca abordagem aconteça por inúmeros fatores, dentre eles podemos destacar a construção da identidade da pessoa negra que por muito tempo teve suas características associadas a coisas negativas, vistas como impróprias ou feias. O que ocasionou o apagamento do sujeito e de suas subjetividades para que se vivesse uma subjetividade fictícia referente ao considerado belo pela sociedade e aquilo que é considerado como “diferente” fosse “visto como geneticamente inferior e isso, por sua vez”, fosse “usado para explicar sua posição social desfavorecida. (Oyěwùmí, 2002, p.2)”.

Essa situação fez com que muitas famílias ao longo do tempo não abordassem temas referentes a relações raciais, a não ser de maneira superficial, quando se tinha alguma notícia do gênero em jornais televisivos de grande alcance. *“Como eu disse,*

antes esse assunto não se aparecia não, hoje que aparece mais dentro de casa quando a gente vê situação de preconceito com situações de jornais, de televisão (Floriano)”.

Tais jornais, tem reproduzido uma imagem que foi construída a respeito das pessoas negras, com a intenção de retratá-las de forma negativa, despidendo-a de sua subjetividade e colocando sobre tal uma marca que fora ocasionada por um sistema que sempre teve a intenção de através do racismo oprimir e manter essa população em lugar de servidão.

4.1 A PERCEPÇÃO E OS EFEITOS DE PROBLEMAS DE CARÁTER RACIAL E SOCIAL NO PERCURSO ESCOLAR

A respeito da percepção de problemas de caráter racial, apenas uma das pessoas entrevistadas falou da experiência de enfrentamento por ser filha de professora negra. Declarando o seguinte: *“meus pais davam um certo treinamento” (Luíza)*. Supõe-se que dentro desse treinamento estavam instruções de como se comportar em certos lugares por causa da sua origem e de seus traços. O treinamento como cuidado, proteção.

Confirmando que,

para além da territorialidade, somos negros: pretos, pardos, mestiços, indígenas etc.;[...] alguns de nós se auto indentificam como negro, uma grande parcela é identificada, mas não nomeada. Os que possuem maiores características negróides estão mais expostos ao preconceito e à discriminação étnico-racial. Os que possuem a pele mais clara experimentam maiores dificuldades para perceberem o seu pertencimento. E por esse emaranhado de fios se tecem as redes que têm fundamentado o racismo no Brasil. (Silva, 2009, p.16).

De acordo com a percepção ao enfrentamento de problemas de caráter racial podemos dizer que esteja atrelado, de certa forma, direta ou indiretamente a questões raciais. A exemplo que uma pessoa de tez branca, de classe social baixa poderá perceber tais problemas de maneira diferenciada do que uma pessoa de tez negra pertencente também à mesma classe social, promovendo para ambas experiências distintas.

As demais pessoas entrevistadas não demonstraram percepção ao enfrentamento de problemas de caráter racial, ao menos não foi apresentado durante

as respostas da entrevista. Acreditamos que a não percepção se dê por causa do contexto vivenciado. Demonstrando um certo desconhecimento ao enfrentamento de problemas ou discussão acerca de raça, negritude ou contexto social em relação ao período escolar, uma não identificação, mesmo que tenham passado por problemas ou situações que deveriam gerar enfrentamento por ser ocasionada por problemas de cunho racial e social. O que relataram foi que somente ao adentrar a universidade é que tiveram acesso a informações e se reconheceram como pessoas negras, mediante aos conteúdos apresentados em sala durante as aulas.

Depois que eu entrei no ciclo universitário e eu ouvi mais falar sobre essa raça, negritude [...] Então, eu vim aprender realmente o que é isso, o que é raça, o contexto né, negritude, o contexto social porque até então eu não tinha esse olhar e não ouvia falar também (Floriano).

Silva (2009) vai dizer que a existência de um tratamento diferenciado entre pessoas negras e brancas durante o percurso escolar tem feito com que as pessoas negras internalizem o seu, 'suposto', lugar como sendo inferior, onde o silenciamento de professores e pais em relação a isso contribui para o apagamento e silenciamento da pessoa em processo de aprendizagem quanto ao seu lugar, origem e pertencimento. Não possibilitando o reconhecimento e o tratamento de forma equiparada entre pessoas negras e brancas durante esse processo.

Quanto aos efeitos do diálogo a respeito de raça e classe durante o percurso escolar não houve, por parte das pessoas entrevistadas, demonstração acerca da percepção de tais efeitos no ciclo familiar. Acreditamos que tal situação tenha ocorrido de acordo ao objetivo que foi proposto para elas durante esse período, que era o de decorar os conteúdos que seriam abordados a fim de tirar uma boa nota no exame (prova/teste). Em parte essa ausência de percepção se deu também pelo pouco ou nenhum diálogo existente no ciclo familiar acerca de raça e classe.

Em virtude do contexto histórico que vivenciamos, muito provavelmente, seus pais e responsáveis, também não percebiam ou sabiam como lidar com essa temática.

Foi relatado, durante a entrevista, que o objetivo no percurso escolar era pura e simplesmente a gravação do conteúdo transmitido para obtenção de nota que os levasse a passar de uma série escolar para a outra sem haver necessidade de ficar retido na série em curso por causa de uma nota ruim, por consequência de não haver gravado o conteúdo.

Porque, na verdade, no período escolar, a gente só se preocupava mais mesmo em gravar aquilo ali para responder nossa prova, tirar nossa nota e passar de ano. [...] Você tinha que gravar aquilo ali. Datas, tal, tudo direitinho para você responder a sua prova e você passar de ano. (Laura)

Durante o percurso escolar as pessoas negras têm enfrentado diversas discriminações, tais como, ridicularização por causa da cor de pele, da textura e formato dos cabelos, o modo de falar, o tipo de vestimenta, a qualidade e o aspecto dos materiais utilizados durante as aulas etc, devido ao pensamento que está incutido na mente das pessoas e que tem sido disseminado geracionalmente (Moore, 2011). Por estarem distantes do que muitos idealizavam ou questionavam a respeito de características raciais ou da condição de classe apresentadas pelos(as) estudantes durante esse período.

A respeito disso, Moore (2011) afirma que a causa de tais situações pode ser explicada a partir do sistema em que o racismo se encontra estruturado. Explicando que,

O racismo é um sistema em si. Em todos os casos, consiste no outorgamento de vantagens automáticas e sistêmicas a um segmento populacional específico, em virtude de suas características fenotípicas, relacionadas ao controle e monopólio dos recursos. Como corolário, trata-se de uma ordem sistêmica que veda de maneira automática o acesso a esses recursos por parte do segmento subalternizado, por causa de suas características fenotípicas. Dependendo da sociedade em questão, aos critérios baseados no fenótipo podem juntar-se ainda outros, menos evidentes, como o da ascendência, do pertencimento étnico ou cultural etc. A sofisticação sistêmica do racismo contemporâneo reside, precisamente, no fato de que se fundamenta no fenótipo, porém estabelece sua legitimidade com base em argumentos desracializados, que lhe conferem maior cobertura e tenacidade. (Moore, 2011, p.16).

Evidenciando como esse sistema tem aprisionado e fragilizado a existência de pessoas que não pertencem a classe hegemônica, que se encontra detentora do poder econômico. Assim percebemos a existência de uma relação monológica, uma relação em que as pessoas só pensam em si próprias, caracterizada como um dos princípios da existência humana que se manifesta em busca do prazer próprio. Ou seja, na busca de interesses próprios sem levar em consideração os interesses da outra pessoa. Diferente de uma relação que é permeada pelo diálogo que visa a interação de duas ou mais pessoas na busca por interesses comuns ou não.

5 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou responder a respeito de qual o papel do diálogo familiar nas percepções de raça e classe e suas repercussões no percurso escolar de pessoas negras. A partir dos objetivos específicos propostos que foram: 1) identificar como se dá o diálogo entre pais ou responsáveis, alunos e alunas; 2) verificar quais temas envolvendo relações raciais tem sido dialogado ou não pelas famílias; 3) compreender como os/as estudantes percebem o enfrentamento aos problemas de caráter racial; 4) identificar quais os efeitos do diálogo (a respeito de raça e classe) durante o percurso escolar do/da estudante.

Com isso foi identificado quanto ao primeiro objetivo que o diálogo familiar não acontece devido a múltiplos fatores, entre eles, o contexto em que vivem que tem dificultado e auxiliado na perpetuação da ausência de interação por meio de conversas recíprocas durante o convívio familiar.

Para o segundo objetivo identificamos que a ausência de diálogo se torna mais intensa quando se trata de questões raciais, como as 'raças' se relacionam entre si. A maneira como temas como racismo, preconceito, discriminação, estereótipos (características) etc. se tornam difícil de serem ditos nos contextos familiares, principalmente, dentro do ciclo familiar de pessoas negras. Em que se é observado como tais assuntos ferem de forma silenciosa, mesmo que se fale sobre eles munido de conhecimento teórico.

Com o terceiro objetivo foi observado que a ausência de conversas sobre temas importantes e comuns na sociedade dentro do ciclo familiar podem causar um certo alienamento, contribuindo para que os mais jovens não percebam, de forma evidente, inúmeras situações a respeito do contexto que vivenciam diariamente.

Assim, o quarto objetivo culmina em uma 'certa' aceitação dos assuntos apresentados nas escolas durante o processo de ensino-aprendizagem como certo, sem que haja um questionamento reflexivo por parte dos(as) estudantes levando-os(as) a aceitarem tudo o que lhes é imposto durante o processo de escolarização que na maioria das vezes não tem levado em consideração o contexto que tais estudantes se encontram inseridos. Fazendo com que não se perceba de forma direta os efeitos nocivos do racismo permeado de preconceitos, estereótipos, discriminação durante o período escolar.

Deste modo, pude perceber que a ausência de diálogo, tem se perpetuado em muitas famílias negras, independente do assunto a ser abordado. Dificultando futuras experiências dialógicas que seus membros mais novos venham a ter.

Assim encontramos o desafio em identificar as barreiras que vem ocasionado essa ausência dialógica, para que se possam rompê-las transformando a realidade familiar de pessoas negras, a partir de ações que busquem valorizar a reunião familiar em volta da mesa, não apenas para comer, mas, também para partilhar aprendizados. Por meio de entendimentos diversos acerca de assuntos que fazem parte da realidade que cada família apresenta (assuntos do cotidiano - passado e presente) retomando histórias esquecidas que funcionam como exemplos e ajudam a manter a história e a identidade familiar viva.

A ausência de relações dialógicas em muitas famílias negras é um fator preocupante pois tem condicionado as futuras gerações a perpetuarem atitudes e relações não dialógicas. Com isso surge a necessidade de estudos mais aprofundados a respeito da importância do diálogo no ciclo familiar da população negra, as formas como o diálogo acontece e o que pode ser feito para que as relações dialógicas sejam resgatadas dentro do ciclo familiar e em outras esferas da sociedade.

Esta pesquisa proporcionou um olhar mais cuidadoso, principalmente, quando se trata de famílias negras, com arranjos familiares variados, oriundas de contextos semelhantes e diversos ao mesmo tempo. Estas famílias, na maioria das vezes, são pertencentes à mesma classe social tendo em si o entendimento dos acontecimentos da vida de formas que variam, a partir de crenças semelhantes e também distintas.

Verificamos a necessidade de que o diálogo aconteça de forma cada vez mais frequente dentro das famílias, a fim de ampliar o debate e também o aprendizado acerca das questões sociais e raciais existentes. Não se pode mais fechar os olhos para a realidade das questões raciais e sociais que estão postas. Assim se tem um trabalho para a conscientização da população em geral, especialmente a negra, para o que podemos chamar de emancipação das mentes que por consequência irá emancipar os corpos. Neste sentido, não se torna fácil devido ao que já se encontra enraizado nas mentes dessas populações que por muito tempo foram conformadas a viver da forma que dar, sem ter a opção, muitas vezes, de pensar de forma contrária ao que está posto diante de si.

Desse modo, o diálogo pode contribuir no ambiente familiar funcionando de maneira ampliada para as várias esferas. Na compreensão de seus efeitos e como o

futuro profissional em pedagogia poderá atuar diante de situações de racismo, preconceito, discriminação alimentados por estereótipos que foram construídos ao longo dos tempos, e que poderão ocorrer durante o exercício de sua função. A fim de saber atuar com prontidão na elucidação dos fatos ocorridos, fazendo com que tal fato se transforme em aprendizado que ajudará na diminuição de atos tendenciosos ao racismo. Auxiliando para que o processo de ensino-aprendizagem a partir das relações étnico-raciais se torne frequente.

Compreendendo que o fator diálogo para famílias negras não se encontra condicionado apenas no diálogo. Se encontra intrínseco a formação de uma população que durante um período fora escravizada, se tornou livre, porém permanece presa em amarras psicológicas que de certo modo tem dificultado o seu posicionamento diante de atitudes e conflitos oriundos devido à questão social e racial.

Contudo, na sociedade brasileira, em muitas esferas não houve a oportunidade de diálogo. Ocorrendo com uma certa frequência a ausência de diálogo, a imposição, a má informação que tirou de muitos a conexão e a oportunidade de interação com o próximo, provocando um certo conformismo em situações cotidianas, ocasionando apagamento de sujeitos, de histórias e de vidas.

REFERÊNCIAS

BANANAL, Renata Silva; GONÇALVES, Alessandra Cristina de Oliveira. **Desafios da comunicação nas relações entre pais e filhos**. 2022, p.1-21, Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade de Uberaba, Curso de Psicologia, Uberaba, 2022.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: junho, 2005.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília-DF. DOU de 10 de jan. de 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.289 de 20 de julho de 2010**. Lei de criação da UNILAB. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12289.htm. Acesso em: 04 jul. 2026.

DE AZEVEDO, N. C. S.; SBRISSA, I. **Mulher e pedagogia: questões históricas e de gênero ligadas à educação brasileira**. Revista Campo Da História, 8(2), 2023, p.729-748. Disponível em: <https://doi.org/10.55906/rcdhv8n2-015>. Acesso em: 04 jul. 2026.

DE MORAIS, Maria da Graça David; COSTA, Rosalina Pisco. **Sessenta anos de Sociologia da Família em Évora**. Um convite renovado. 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rosalina-Costa/publication/386752567_Sessenta_Anos_de_Sociologia_da_Familia_em_Evora_Um_Convite_Renovado/links/67596c05951ca355613a0872/Sessenta-Anos-de-Sociologia-da-Familia-em-Evora-Um-Convite-Renovado.pdf. Acesso em: 04 jul. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43 edição, Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 2025.

GOLDANI, A. M. **As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação**. Cadernos Pagu, (2005). (1), 68–110.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2026.

MALAGARI, Claudia Natali.; LOPES, Edilaine Vieira; SCHLESNER, Gabriela Martins. **A importância da comunicação não-violenta nos processos pedagógicos para o desenvolvimento regional**. Revista Taquera [S.l.], v. 2, n. 1, p. 56-69, jan/jun 2021.

MOORE, Carlos. **A humanidade contra si mesma para uma nova interpretação epistemológica do racismo e de seu papel estruturante na história e no mundo contemporâneo**. II Fórum Internacional Afro-colombiano. Bogotá, 18 de Maio de 2011. Tradução para o português de Flávia Carneiro Anderson.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. 3º Seminário de Relações Raciais no Brasil- Cadernos PENESB. Niterói: EdUFF, nov, 2003. (no prelo).

OLIVEIRA, Amurabi. **Repensando a Sociologia da Educação no Brasil: ações afirmativas e teorias do sul**. Revista de Sociología de la Educación (RASE) 2018, vol. 11, n.º 1, p.59-69.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body**: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ªed. Novo Hamburgo. Feevale, 2013.

QUERETTE, Suzana Cortez Moraes. **Diálogo e educação**: estudo comparativo sobre o conceito de diálogo no pensamento filosófico e pedagógico de Paulo Freire e de Martin Buber. 2007, p.1-157, Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de

Educação - Programa de pós-graduação em educação - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 25 de setembro de 2007.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; PRESTES, Clélia. **Estratégias de promoção de saúde mental de crianças negras na primeira infância** in: TEODORO, C.; OLIVEIRA, F.; SANTOS, M. W. (ORG.). Infâncias e marcadores sociais da diferença: estratégias teóricas e metodologias no contexto brasileiro. Petrolina: Editora IFSertãoPE, 2023. p.130-147. Disponível em: <https://releia.ifsertaope.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1141/1/E-BOOK%20-%20INFANCIA%20E%20MARCADORES....pdf>. Acesso em: 04 jul. 2026.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia** – O Cotidiano do Professor. tradução de Adriana Lopez. Revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Claudilene Maria da. **Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar**. 2009, p. 1-162, Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 31 de agosto de 2009.

SILVA, Fabiana Cristina da. **Trajetórias de longevidade escolar em famílias negras e de meios populares (Pernambuco, 1950-1970)**. 2005, p.1-252, Dissertação (Mestrado em educação) - Centro de Educação - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 14 de novembro de 2005.

Site da UNILAB. **Histórias- SFC**. Disponível em [https://unilab.edu.br/historias_sfc/#:~:text=A%20cidade%20de%20S%C3%A3o%20Francisco,90%25\)%20declarada%20no%20censo](https://unilab.edu.br/historias_sfc/#:~:text=A%20cidade%20de%20S%C3%A3o%20Francisco,90%25)%20declarada%20no%20censo). Acesso em: 04 jul. 2026.

SOARES, M. (2004). **Português na escola: história de uma disciplina curricular**. In: Bagno, M. (Org.). Linguística da norma. São Paulo, Edições Loyola, p. 155-176.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos da Unilab**. Sistema de Bibliotecas. 2. ed. rev. e ampl. – Dados eletrônicos. – Acarape, 2025. Disponível em: https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2025/08/Manual-de-normalizacao-de-trabalhos-academicos-da-Unilab-ago-2025_compressed.pdf. Acesso em: 04 jul. 2026.